

Resenha:

Revisitando “A Construção Social da Ciência” de Bruno Latour & Steve Woolgar

Revisiting “The Social Construction of Science” by Bruno Latour & Steve Woolgar

Revisitando “La Construcción Social de la Ciencia” por Bruno Latour Y Steve Woolgar

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.19114907>

Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra

Doutorando em Ciência, Tecnologia e Sociedade, Universidade Federal de São Carlos, UFScar, avaete.guerra@gmail.com

Orivaldo da Silva Lacerda Júnior

Doutor em Química, Universidade Federal Do Amazonas, UFAM, lacerdajuniorlll@gmail.com

Emerson Aparecido Augusto

Doutorando em Ciência, Tecnologia e Sociedade, Universidade Federal de São Carlos, UFScar, emerson.augusto@etec.sp.gov.br

Telma Regina Stroparo

Doutora em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG, telma@unicentro.br

Aldeni Barbosa da Silva

Doutor em Agronomia, Universidade Federal da Paraíba, UFPB, aldeni.silva@ifpb.edu.br

Nedilson José Gomes de Melo

Doutorando em Educação, Universidad Autonoma de Asunción, UAA, nedilson.etepitaciopessoa@gmail.com

Edmilson Dantas da Silva Filho

Doutor em Engenharia Agrícola, Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, edmilson.silva@ifpb.edu.br

RESENHA

A Construção Social da Ciência é a edição em língua portuguesa da obra originalmente publicada como *Laboratory Life: The Construction of Scientific Facts*, de Bruno Latour e Steve Woolgar. O estudo foi lançado pela primeira vez em 1979, com segunda edição revista em 1986, e tornou-se um dos textos fundadores dos Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (STS). A obra resulta de uma pesquisa etnográfica conduzida em um laboratório de neuroendocrinologia na Califórnia, onde os autores acompanharam diretamente o cotidiano da prática científica, adotando procedimentos típicos da antropologia para observar a produção do conhecimento em seu ambiente real.

A obra, insere-se no campo dos Estudos Sociais da Ciência e constitui um marco na análise sociológica da produção do conhecimento científico. Desenvolvida a partir de investigação etnográfica em ambiente laboratorial, a obra desloca o olhar tradicional sobre a ciência, deixando de tratá-la como atividade puramente objetiva, neutra e desvinculada de contextos sociais, para examiná-la como prática situada, permeada por interações humanas, mediações técnicas e processos institucionais de legitimação. Ao observar o cotidiano de um laboratório, os autores evidenciam que a construção dos chamados “fatos científicos” ocorre por meio de rotinas, negociações, disputas interpretativas, registros escritos, produção de gráficos e formulações discursivas que, gradualmente, deixam de ser proposições provisórias para adquirir o estatuto de verdade estabilizada.

A análise demonstra que o laboratório não é mero espaço de revelação de dados naturais, mas um ambiente de produção ativa de enunciados, no qual instrumentos, inscrições, relatórios e artigos científicos desempenham papel central na consolidação de resultados. Nesse processo, a linguagem científica surge como elemento estruturante, pois é por meio dela que se reduzem

incertezas, se eliminam alternativas concorrentes e se constroem versões consideradas legítimas dos fenômenos observados. Evidencia-se, assim, que a objetividade científica não é um ponto de partida, mas um resultado obtido por meio de práticas coletivas organizadas, nas quais se articulam credibilidade, autoridade institucional e estratégias retóricas. A ciência aparece, portanto, como empreendimento social que envolve redes de atores humanos e não humanos, tais como pesquisadores, equipamentos, textos e procedimentos técnicos.

A contribuição teórica da obra reside na ruptura com a concepção positivista de ciência como reflexo direto da natureza. Ao enfatizar a dimensão social da construção dos fatos, o estudo revela que o acesso ao mundo natural é sempre mediado por instrumentos, categorias conceituais e estruturas institucionais. Tal perspectiva não implica negação da existência da realidade material, mas questiona a ideia de que os fatos científicos emergem de forma imediata e independente das práticas que os produzem. Desse modo, a análise aproxima-se de uma epistemologia que reconhece a ciência como atividade humana historicamente situada, na qual conhecimento e contexto se interpenetram.

Entretanto, a abordagem pode suscitar críticas ao ser interpretada como relativização excessiva da verdade científica. Ao destacar negociações, disputas e estratégias discursivas, corre-se o risco de compreender a ciência apenas como construção social, obscurecendo a dimensão empírica que também orienta a pesquisa científica. Ainda assim, a obra não reduz a ciência a mera convenção, mas procura evidenciar que a estabilidade dos fatos decorre de processos de validação coletiva e de redes de sustentação que envolvem práticas técnicas rigorosas. A tensão entre construção social e referência ao mundo natural constitui, justamente, um dos aspectos mais fecundos do debate inaugurado pelo estudo.

A importância da obra para seu campo é inegável, pois redefine a maneira de compreender a produção do conhecimento, deslocando o foco dos resultados finais para os processos de elaboração, registro e aceitação dos enunciados científicos. Influenciou decisivamente a sociologia da ciência, a antropologia do conhecimento e as discussões contemporâneas sobre tecnologia, inovação e circulação de saberes. Ao revelar os bastidores da prática científica, a obra contribui para uma visão mais complexa e realista da ciência, entendida como atividade coletiva, técnica e socialmente estruturada.

Conclui-se que *A Construção Social da Ciência* permanece atual ao questionar a crença na neutralidade absoluta da ciência e ao demonstrar que os fatos científicos são produtos de redes de interação, negociação e validação. A leitura conduz à compreensão de que o rigor científico não se opõe à dimensão social, mas se constitui justamente por meio dela. Trata-se de obra fundamental para a formação crítica de pesquisadores e estudantes interessados em compreender a ciência não apenas como sistema de resultados, mas como processo social de produção de verdades legitimadas.

REFERÊNCIA

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **Laboratory life: the construction of scientific facts**. 2. ed. Princeton: Princeton University Press, 1986.